

DE DEMÉTRIOS GALVÃO

insólito: carregar cemitérios e ferrugens nos bolsos: o mar quando escapa pela fenda e escorre para dentro do olho, como barragem que estoura o que lhe detém ou dente abrindo caminho na gengiva passiva: o sono do gato é abismo profundo sem escadas, escamas, cabelo, corda para se agarrar: o ranger desencadeado pela ciranda da lua desenterra pássaros, carancas e borboletas que carregam santuários coagulados nas ruínas de suas asas oxidadas: – a mancha úmida na parede é gozo do tempo.

a previsão do tempo é uma falácia

p/ mardônio frança e nuno gonçalves

os brinquedos, os jogos de adivinhação, a cidade e suas senhas-salamandras, as mandalas hipnotizadoras, a rota da barbárie e as memórias que entregam o seu coração aos bandeirantes, que entregam seus nomes, sua prole, seus sonhos de se tornarem camaleões ou peixes ou águias ou fogo. há setas que apontam pro norte, há uma confusão nos sensores, sentidos, os poemas-malabares cospem fogo, os cheiros e o sexo estão longe, o mar chega para lamber e sarar as feridas, o vento é chicote bem vindo nas costas, os brinquedos agora obsoletos, as conchas do mar, o pára-quedas está nas costas esperando ser aberto, a cidade colméia cria seus doentes mentais, a cidade frankstein devora seus doentes mentais, a cidade é uma seqüela aberta, ferida que nunca sara, cores mortas, portas fechadas, pernas e braços e cabeças e troncos espalhados pelas calçadas, os desenhos que se pintam são hecatombes, terremotos, nada de cores de almodóvar, a cada esquina um be-souro a descer pela garganta, a sala de estar é um calabouço, um cala boca, uma mordança, moscas cercando os cadáveres da cidade-hospício, cercando as mentiras e a dor da lembrança, pegamos carona em corpos alheios pra esquecer os sonhos ruins, há lugares que vendem coisas que já aconteceram, que já tocaram, que já foram vistas, que já foram lidas ou faladas, a cidade é uma sucata velha teimosa.

tua alma de planta ornamental
tem gosto azulado
e teus gemidos
são escorpiões em chamas
nas cores de chagal
pedindo perdão
aos ventiladores do absurdo.

assim nascem os acordes das manhãs
na escoliose de meus telhados.

no quintal de nossos umbigos

o teu riso desata um solstício – (suprimimos os travessões, os dois pontos, as vírgulas, atropelamos a semântica com beijos salgados. retiramos do relento os balões desgarrados, retiramos também do guarda-roupa os sonhos velhos e os refizemos para o uso diário. nos encontramos quando erramos os caminhos, quando na interseção dos itinerários brincamos de nos perder e de nos achar e de trocar de pele.) – a cada gesto... um poema de amor, um samba, uma brincadeira no quintal de nossos umbigos.

dopado no coração mercado

são os peixes das casas mortas, sem curvas e sem virgindade
eles não têm receitas para os comprimidos,
eles não têm doutores que curem nuvens.

eu disse a truffaut o que queria
e ele olhou como se tudo que pedi fosse pouco para um dia.

não morro de nada
converso com os invisíveis e eles me agradam
são ternos e isósceles
escapam e pedem misérias
ficam na beirada e vazam
ouvem as paredes e dizem:
tenho um quarto sem nada.
e digo:
tenho desenhos no tornozelo.

passamos os muros e as extensões
existe o que se espalha na rua
as pessoas recebem os passes e os acordes
se assustam com a poesia em caixas de remédio.

todos compram verduras, alho e rações
trocam flores por cartas feridas
ficam velhos, reumáticos e não lêem poesia.

meu corpo se desola com nick drack
a manhã se torna desabitada
os gatos rejeitam os lençóis
e o tapete é o local do encontro perdido.

DEMETRIOS GALVÃO (PIAUÍ)– Historiador e poeta. Publicou os livros *Cavalo de Tróia* (2001), *Fractais Semióticos* (FUNDAC/PI, 2005), *Insólito* (ed. Corsário, 2011) e o cd *Um Pandemônio Léxico no Arquipélago Parabólico* (2005). Foi membro do grupo poético Academia Onírica e um dos editores do blog poesiatarjapreta.blogspot.com (2010-2012) e da *AO-Revista* (2011), além de ter participado da produção do cd *Veículo q.s.p – Quantidade Su_ciente Para* (2010)